



DOMINGOS FLEXOTO

O flagelo da fome no Rio

Nada menos que 2,8 milhões de pessoas passam fome no Rio, diz pesquisa. Insegurança alimentar atinge 60% da população do estado, quase o dobro de quatro anos atrás. Para sobreviver, muitos catam restos descartados na Ceasa, em Irajá (foto).

PÁGINAS 30 e 31

RETRATOS DA ESCASSEZ



Desigualdade. Morador de rua espera por restos de comida que clientes de um restaurante, na Cinelândia, poderão deixar: a falta de comida faz parte do cotidiano de 15,9% da população fluminense

A FOME BATE À PORTA NO RIO, QUASE 2,8 MILHÕES DE PESSOAS NÃO TÊM O QUE COMER

NATÁLIA RIBEIRO E RAFAEL GALDO
grandes@oglobo.com.br

Foi outro dia: mais precisamente 24 de maio, uma terça-feira. Nas caçambas dos caminhões de lixo, Robson Eduardo Santos de Sá, de 40 anos, procurava ovos — mesmo quebrados ou podres. Já que a carne, a preço proibitivo, virou miragem, essa vem sendo a única fonte de proteína no prato de sua família, que mora em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Ele trabalhava como cuidador de idosos em Copacabana, na Zona Sul do Rio, mas ficou desempregado durante a pandemia. Outras desventuras acabaram de empurrá-lo para a miséria. Há seis meses, o jeito tem sido catar comida entre o material descartado na Ceasa, em Irajá, Zona Norte da capital, a mais de 20 quilômetros de onde mora.

Robson é um dos cerca de 2,8 milhões de cidadãos que, hoje, passam fome no Estado do Rio de Janeiro: uma multidão equivalente a 15,9% da população fluminense. Esses e outros dados aterradores foram divulgados ontem no Encontro Nacional Contra a Fome, organizado pela ONG Ação da Cidadania, e fazem parte do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, promovido pela Rede PENSSAN.

Em levantamento nacional, a pesquisa esmiuçou a situação da fome no país entre 2018 e 2022. No Estado do Rio, o estudo apontou um aumento de 400% no número de pessoas sem ter o que comer ao longo dos últimos

quatro anos. Em território fluminense, gente em situação de insegurança alimentar leve, moderada ou grave — ou seja, vivendo algum tipo de restrição no acesso à alimentação — é maioria: esse grupo atingiu 60% da população do Rio, contra 32,2% de quatro anos atrás.

Diretor executivo da Ação da Cidadania, Rodrigo “Kiko” Afonso afirmou que os números do estado são assustadores, mas importantes para o governo e a sociedade pensarem em dar solução ao problema. Rodrigo reforçou que a fome tem “CEP, gênero e cor” e que os dados do estado retratam a desigualdade e os preconceitos estruturais de todo o país.

— A mulher negra é a que mais sofre com a fome hoje. Você percebe claramente nos dados. É inequívoco como o racismo estrutural, o preconceito contra a mulher, as desigualdades brasileiras têm como consequência a fome — explicou o diretor.

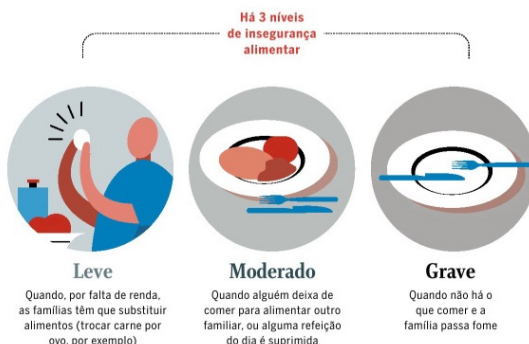
QUEDA NA RENDA MÉDIA

Para Robson Santos de Sá, a ida ao Ceasa, naquele dia 24 de maio, não foi em vão. Ele não encontrou os ovos que procurava, mas voltou para casa com algumas espigas de milho, pimentões e maçãs. De uma ponta a outra do Rio, repetem-se histórias de quem só tem enchido a barriga com a ajuda de doações, voltou a passar fome ou, pela primeira vez, experimenta o drama das panelas vazias.

O avanço da escassez e as características principais de suas maiores vítimas também se revelam nos dados do Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), do governo federal. Em todo o

A MISÉRIA EM GÊNERO, NÚMERO E GRAU

Mais da metade da população fluminense vive hoje uma rotina de insegurança alimentar



Fonte: Dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN) | Editoria de Arte

estado, o número de famílias em situação de extrema pobreza (com uma renda per capita de até R\$ 105 por mês) inscritas cresceu 59,6% de abril de 2020 ao mesmo mês desse ano, passando de 946.090 para 1.509.899.

Em uma análise por município, cruzados os dados de pessoas cadastradas em situação

de extrema pobreza em abril de 2022 com a estimativa populacional do IBGE para 2021 (a mais recente disponível), os resultados revelam que, só na Região Metropolitana, dos 22 municípios, 15 teriam mais de 20% da população em situação de imensa necessidade. Só na Nova Iguaçu de Robson, um dos municípios que lidera

ram o aumento das inscrições no CadÚnico durante a pandemia, a quantidade de famílias em extrema pobreza cadastradas passou de 5.265 em maio de 2020 para 9.181 em abril deste ano.

O Rio experimentou ainda uma perda da renda média do cidadão, que no primeiro trimestre de 2022 foi de R\$

1.248, contra R\$ 1.387 no primeiro trimestre do ano passado. No ranking do país, o estado perdeu posições: passou da quarta maior média para a sexta, ultrapassado por Paraná e Rio Grande do Sul. Para piorar, o valor da cesta básica no Rio, com base em dados do Dieese, saltou de R\$ 460,46 no início de 2019 para R\$ 768,42 em abril deste ano.

UM ANO SEM CARNE EM CASA

Na casa de Robson vivem ele, a mãe e irmã. Todos colecionam derrocadas nos últimos dois anos. A irmã, de 37 anos, também trabalhava em Copacabana, como empregada doméstica, e, igualmente, foi demitida no efeito dominó da pandemia. A mãe, pensionista, sofre com o agravamento da ferida de uma úlcera que toma parte de sua perna, sem encontrar tratamento adequado na saúde pública. Para custear parte dos medicamentos e insumos, como gaze para os curativos, ela contraiu empréstimos que corroem sua pensão. Sobram cerca de R\$ 800 por mês, a maior parte gasta com fraldas, pomadas e outros remédios que a família não consegue obter no SUS — um único remédio, o Toragesic, subiu de R\$ 38 para quase R\$ 60. Não resta absolutamente nada para a comida. E, como quem tem fome tem pressa, Robson vem se virando para não ficar sem comer.

— Soube, por um grupo de WhatsApp, desse descarte da Ceasa. Mas só venho quando tenho o dinheiro da passagem de ônibus. Quando não tenho, cato latinhas e PET na vizinhança para vender para reciclagem. Na nossa família, todos sempre trabalhamos. Dificuldade sempre teve. Mas nunca tínhamos chegado a ponto de faltar comida e pedir doação. Está difícil se reerguer. Carne, por exemplo, faz um ano que não comemos em casa. O sentimento é de que estamos abandonados, e sem direito a nada — diz Robson, que só em março conseguiu aprovação para receber o Auxílio Brasil, benefício do governo federal.

IMPACTO DO DESEMPREGO

No primeiro trimestre de 2021, a taxa de desocupação no Rio, segundo dados do IBGE, bateu os 19,6%, acima da média nacional de 14,9%. Nos três primeiros meses deste ano, recuou, em comparação ao mesmo período do ano passado, para 14,9%, mas ainda assim superou a taxa do país, que chegou a 11,1%. O economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, aponta outro dado dramático embutido nesses números. No Rio, o desemprego entre a metade mais pobre da população alcançou 38% no primeiro trimestre de 2022, contra 28% em todo o Brasil.

É dele um estudo recente sobre as faces da fome em âmbito nacional (“Insegurança alimentar no Brasil: pandemia, tendências e comparações globais”). A partir de dados do Gallup World Poll, Neri mostra que a parcela dos brasileiros que não teve dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momento nos últimos 12 meses (36%) representa um recorde na série histórica, iniciada em 2006, e pela primeira vez, superou a média mundial (35%).

RETRATOS DA ESCASSEZ

VIDA DE RESTOS MULHERES ESTÃO MAIS VULNERÁVEIS

RAFAEL GALDO
rafael.galdo@oglobo.com.br

Na montanha de lixo vindo da Ceasa, em Irajá, Ana Lúcia dos Santos, de 47 anos, mergulha metade do corpo em busca de tomates que possam ser aproveitados. Claudia Brito Monsoreos, de 51 anos, não tem medo de escalar o monte de restos atrás do sustento dela, da filha, da neta e do marido. Cristina Maia Antonio, de 62, e Denise Anacleto da Silva, de 51, não esmorecem para carregar as caixas pesadas com maracujás, melancias e limões que vão garantir algum alimento em casa.

Jacíra da Conceição dos Santos, de 59, tampouco: ela pensa no que vai levar à panela, no fogão a lenha improvisado no quintal de casa —naquela semana (como em muitas nos últimos anos), o gás já tinha acabado e não havia dinheiro para outro botijão. Uma ajudando a outra, as cinco integram uma espécie de rede de solidariedade formada basicamente por mulheres que, ao catarem alimentos em meio ao material descartado da Central de Abastecimento, tentam encontrar juntas também um fio de esperança para se manter de pé, e com uma vida melhor. Como mostra pesquisa divulgada ontem, no Encontro Nacional Contra a Fome, organizado pela Ação da Cidadania, elas são o lado mais maltratado pela crise que tem tirado comida da mesa de milhões de brasileiros.

Com água e apenas uns pedaços de melancia no estô-

magão, enquanto espera os caminhões de lixo chegarem, Jacira, quase 60 anos, chega a chorar ao lembrar das dificuldades até para comer. Para ser consolada, ganha um abraço coletivo das amigas. Denise seca as lágrimas dos olhos da vizinha de comunidade, a favela Para Pedro, ali mesmo em Irajá. Cada uma vai descortinando as histórias que as levaram até ali.

DA BOCA DO CACHORRO

Denise, por exemplo, tinha deixado a catação quando conseguiu um trabalho com carteira assinada como empregada doméstica, na Vila da Penha, também na Zona Norte do Rio. Mas, em maio de 2021, foi mandada embora pelo patrão advogado, que justificou também estar sofrendo a pressão financeira da pandemia. Voltou ao lixo, enquanto sonha em poder ir ao supermercado e encher o carrinho com o que quiser.

— Que alegria seria ir ao mercado, com meu dinheiro, fruto do meu trabalho, para escolher o que vou comer, e não esperar alguém jogar fora para me alimentar — diz Denise, sem esconder o tamanho das incertezas com o armário e a geladeira abastecidos apenas por produtos que sobram da Ceasa. — Farinha? Toda casa de pobre tinha farinha para misturar com água. Na minha não tem mais. Outro dia, aqui no lixo, um cachorro saiu com um pacote de salsicha na boca. Eu saí correndo atrás dele para pegar.

Cristina, por sua vez, conta algumas técnicas para checar se o alimento catado



Sobrevivência. Cristina Maria da Silva Antonio, de 62 anos, com outras mulheres, revira as sobras na Ceasa: um "processo" em busca do que comer



“Que alegria seria ir ao mercado, com meu dinheiro, fruto do meu trabalho, para escolher o que vou comer, e não esperar alguém jogar fora para me alimentar”

Denise Anacleto da Silva, desempregada que cata sobras na Ceasa

“A mulher se sente muito responsável pela família. Pode estar passando mal, sentindo dor, que vai em busca do sustento”

Claudia Brito Monsoreos, que faz faxina eventualmente e também revira as lixeiras na Ceasa

no lixo pode ser consumido:

— Quando cai carne dos caminhões, o que é muito raro, a gente observa a coloração dela e o cheiro. O ovo, põe num pote de água. Se afundar, está bom. Para cada alimento, temos um processo.

Histórias assim revelam que estudos vêm apontando. Divulgado ontem, o 2º

Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, da Rede PENSSAN, mostra que 38,58% das famílias chefiadas por mulheres enfrentam insegurança alimentar moderada ou grave. O percentual é menor, ainda que dramático, naquelas em que o homem é o responsável por custear as despesas da casa: 28,2%.

A “Agenda Rio 2030 — propostas por justiça econômica, racial, de gênero e climática”, da Casa Fluminense (associação civil sem fins lucrativos que busca, entre outros, fomentar ações voltadas à promoção de igualdade), vai na mesma linha. A entidade é categórica ao afirmar que, em mais um ano de pandemia que acirrou desigualdades, “diversas organizações identificaram que as maiores vítimas da fome e da pobreza são, ainda, as mulheres (cis e trans), pretas, pardas, pobres e moradoras de favelas e periferias”.

Técnicos da Casa Fluminense calculam, por exemplo, o peso do custo de vida mensal no Estado do Rio para uma mulher chefe de família que recebe um salário mínimo (cujo piso no estado é de R\$ 1.238,11) na ocu-

pação de empregada doméstica. Se ela depende do transporte ferroviário para ir ao trabalho e voltar para casa, por exemplo, vai desembolsar no mínimo R\$ 210 com duas passagens por dia (21 dias úteis), isso sem contar com outros meios de transporte para chegar à estação. Já com a cesta básica, segundo dados do Dieese para abril de 2022, ela gastará R\$ 768 e, com o botijão de gás, R\$ 100, podendo chegar a R\$ 125, conforme dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) para maio de 2022. No fim, sobriariam apenas R\$ 160,11 para todas as demais despesas, como habitação, educação, saúde e lazer, numa conta que não fecha.

‘FEMINIZAÇÃO’ DA FOME

O mais recente estudo da FGV Social sobre a insegurança alimentar no Brasil chega a apontar a “feminização” da fome. Entre 2019 e 2021, o levantamento identificou que aumentou de 33% para 47% a parcela das mulheres no país que não tiveram dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momento nos últimos 12 meses. Já entre os homens, houve uma redução, de um ponto percentu-

al, de 27% para 26%. “A pandemia impactou mais as mulheres que foram mais afetadas no mercado de trabalho, possivelmente porque carregam, em geral, responsabilidade maior no cuidado dos filhos e da família, atividade relativamente mais demandada durante o isolamento social. Essa possível causa para a feminização da fome magnifica suas consequências para o resto da sociedade, em particular, as crianças”, afirma o documento.

Entre as catadoras de Irajá, as cinco amigas corroboram essas consequências. Claudia, por exemplo, fazia faxinas. Era pelo menos cinco por semana. Agora, quando muito, faz uma, para complementar os R\$ 400 de Auxílio Brasil numa casa com quatro pessoas.

— A mulher se sente muito responsável pela família. Pode estar passando mal, sentindo dor, que vai em busca do sustento. Mas a sensação agora é de que não está tendo mais chance de sair disso (da catação na Ceasa). Ainda mais quando os preços estão nas alturas — diz Claudia, que mora em Belford Roxo, na Baixada Fluminense.

Na Ceasa, por sinal, vêm de cada vez mais longe as pessoas em busca de comida.

DOMINGOS PEIXOTO